

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

**Torga e Unamuno: um diálogo não
apenas ibérico**

JOÃO BIGOTTE CHORÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2021

Torga e Unamuno: um diálogo não apenas ibérico

JOÃO BIGOTTE CHORÃO†

“Venho, porque este humano coração/Não tem força que ponha/Silêncio onde se deve gratidão”. Cito na primeira versão, depois emendada, um dos *Poemas ibéricos* dedicados à memória de Lorca. Venho também a esta terra onde Carlos Carranca tem as suas raízes e à qual estou afectivamente ligado. E ainda porque Unamuno e Torga são – permita-se-me a confissão – dois dos meus autores.

Entre 1988 e 2011, Carlos Carranca consagrou a Torga não menos de sete títulos. Sobre a obra vasta e multifacetada escreveu páginas de exegese e deu um testemunho sobre a forte personalidade do homem que lhe foi dado conhecer não apenas livrescamente. Quando se fala de Torga, não se pode omitir o nome de Unamuno, que foi decerto uma das suas referências. Na alma agónica de um se revia o outro, comungando no mesmo sentimento trágico da vida.

Com a bibliografia passiva de Torga não deu Carlos Carranca por concluído o seu estudo do *Diário* e das afinidades electivas com Unamuno. Esse o tema que escolheu para a sua tese de doutoramento, a que se abalçou não para conquistar um título e percorrer as etapas de uma carreira académica, mas por vocação ensaística e preito a dois representantes da cultura ibérica.

Pude assistir às provas de doutoramento de Carlos Carranca e aí tive oportunidade de testemunhar a segurança do doutorando na exposição da matéria e o desembaraço na resposta à arguição do júri, prevalecendo-se de uma voz treinada no recitativo e no fado. O fado ou a balada de Coimbra que teve em Luís Goes um grande intérprete – o mesmo Luís Goes que, pela última vez, pude ouvir, aplaudir e abraçar no convívio depois das provas académicas. Voz admirável, a de Luís Goes, que aliava a esse dom a extrema simpatia humana.

Quem de Torga conheça tão-só o *cliché* que o pinta pouco sociável e algum tanto jacobino, ficará surpreendido se alguém referir o seu gosto de conviver, em círculo obviamente restrito. E não menos ficará surpreso se tiver notícia de que Torga, bom conversador, inflectia o discurso da literatura para a religião, de

Cervantes para Santa Teresa de Ávila. A literatura não esgotava os seus interesses, a sua paixão era a terra, a pátria carnal – essa terra que o poeta sacralizava –, a aflita e aflitiva interrogação sobre o sentido da vida e o mistério insondável da morte, de matriz tão unamuniana.

Ideia feita é ainda a de que o *Diário* de Torga é escasso de nomes (não de topónimos), nomes que, como numa procissão, desfilam no *Journal* de Gide e no de Julien Green. Torga, se não é pródigo em citações, refere mais nomes do que à primeira vista parece. Nomes de escritores, para citar só estes. Houve já quem fizesse um inventário dos escritores referidos no *Diário*, Isabel Ponce de Leão, em *A obrigação, a devoção e a maceração* (pp. 149-150) e, mais latamente, Bernardino Henriques, em *Miguel Torga (quase) na primeira pessoa* (p. 205). Dos portugueses, Camões (67 referências), Camilo (35), Eça (22), Pessoa (21). Nos escritores estrangeiros, ocupa o primeiro lugar Cervantes (18 nomeações), logo seguido de Gide (16), de Proust (12), de Shakespeare (10).

E Unamuno? Não aparece entre os mais citados, mas é uma presença inevitável em Torga, que numa página autobiográfica divulgada por Clara Rocha na *Fotobiografia* confessa uma admiração superlativa que se exprime no verbo *venerar*. No rosto de Torga, o que logo vemos é a máscara granítica que não se abre numa expressão afável. O “velho mocho de Salamanca”, como o retrata Torga, também não facilita a aproximação com o que tem um ar severo. Unia-os, de certa maneira, “a patética agonia” de um “espírito católico, romano” encarcerado num “corpo quente de heresia”. Assim, paradoxalmente, o vê Torga. No *Diário*, no incerto ano de 1942, lá se ouve aquele grito irreprimível: “Ah! Unamuno! Porque morreste? Porque não posso eu falar-te nesta hora dramática do mundo, aqui nesta nossa Ibéria carregada de sol e de tristeza...?”

Torga não conheceu Unamuno. Viu a sua sombra em Coimbra, quando aqui veio, a convite oficial, numa embaixada intelectual. Não compreendia que um homem como Unamuno viajasse de companhia e oficialmente. Nos livros portugueses da livraria de Unamuno – hoje na casa-museu de Salamanca – não figura nenhum Torga. É certo que em 1935 Torga ainda não publicara o seu primeiro grande livro, *O outro livro de Job*, que, creio, teria em Unamuno um leitor altamente qualificado. No entanto, dir-se-á de passagem que um dos primeiros títulos, não de Torga, mas do ainda Adolfo Rocha, *Rampa*, o autor o ofereceu, com uma seca dedicatória, ao grande letrado e grande viajante Valery Larbaud.

A filosofia é aprendizagem da morte. Tanto Unamuno como Torga viveram agonicamente e a morte não os visitou de igual modo. Unamuno foi fulminado no final do ano, quando recebia um visitante que deixou um testemunho do pano que vira descer abruptamente sobre o autor do *Sentimiento trágico de la vida*. Para Unamuno a morte não veio de noite, quando tudo dormia, como no famoso verso não premonitório. Veio ao cair da tarde em Salamanca, “sin hacer ruido”. Quem vivera e escrevera espectacularmente desaparecia pé ante pé, sem agonia. Pelo contrário, Torga teve o martírio de um longo e doloroso calvário – palavras, aliás, recorrentes na sua prosa e poesia. Pôde registar no *Diário* esses passos da cruz, que percorreu com lúcida coragem. Já não vivia – via-se viver, como escreveu. Um escritor não da sua família espiritual, Papini, escreveu uma *schegge* sobre a “morte quotidiana”: “Eu morro um pouco por dia, em pequenas doses, segundo o módulo homeopático”. Torga escreveu, ele próprio, o seu *requiem* – derradeira página do seu extenso monodiálogo.

No verão de 1993, visitei-o pela última vez, já muito alquebrado e reclinado num divã do escritório. Como na manhã desse dia de Agosto consultara, no gabinete do director da Biblioteca Geral da Universidade, Doutor Aníbal Pinto de Castro, 20 cartas de Unamuno no espólio de Eugénio de Castro, entre 1903-1914. Li a Torga apontamentos que tirara desse epistolário, e pareceu-me que ele se animava com o que ouvia.

Com uma sinceridade que nele era uma expressão de interesse e simpatia, Unamuno dizia sem rodeios o que pensava da poesia de Eugénio de Castro. Não gostava do artifício, do esteticismo e do rebuscado de importação francesa, mas gostava do que é mais português e castiço em Eugénio de Castro e no poema *Constança*: “y es que yo creo que cuanto más de un país e más de su tiempo sea un poeta es más de los países y de los tiempos todos”.

Recordo ainda dessa conversa a valorização do génio de Pascoaes, o contributo de Manuel Laranjeira para o pessimismo nacional (tão decisivo para a visão portuguesa de Unamuno), o messianismo de Sampaio Bruno. “Hay algo de judaico en ustedes, en su manera de esperar y de resignarse”, observava Unamuno.

* * *

Outra circunstância que aproximava os dois grandes escritores ibéricos era a vocação viageira e o sentimento da Natureza. Salamanca e Coimbra não foram o berço mas o porto em que lançaram ferro e onde vieram a escrever boa parte da sua melhor obra.

A casa em que Torga viveu desde 1953 lá está, na expectativa de um museu aberto à curiosidade e interesse de investigadores e estudiosos da sua vida e obra. O mítico consultório, no Largo da Portagem, já não existe de portas abertas à juventude que ali ia, na expectativa de uma palavra de ânimo e de estímulo. Com conhecimento de causa, Carlos Carranca pode evocar essa porta disponível para esses encontros que se prolongavam como se o tempo fosse abolido. Numa página do *Diário VII*, o próprio Torga falou desse magistério que exercia na pele de um como que confessor laico: “Os segredos que vivem sepultados nas quatro paredes deste consultório! E que responsabilidade humana eu assumi no dia em que franqueei a porta do confessor! Modesto e atribulado servidor duma religião temporal, vieram-me ter às mãos as dores mais lancinantes, as intimidades mais recônditas, as dúvidas mais inquietantes. E para todos eu tive de arranjar esperança! Do saco da minha pobreza individual, fui obrigado a tirar remédios milagrosos, optimismo, fé, ilusões. E, em troca, os miraculados deixaram-me a sala cheia de espectros. As peles desgraçadas que despiram.”

A memória de Unamuno preserva-a a Casa-museu salmantino, com a biblioteca em que não faltam livros portugueses, manuscritos do autor e milhares de cartas, por assim dizer remetidas de todo o mundo, assinadas por grandes nomes da cultura universal e por leitores e admiradores mais ou menos obscuros. Na *sua* Universidade, fechada como um sacrário e só aberta para algum evento, a sala Miguel de Unamuno guardará o longínquo eco do seu verbo arrebatado e dialéctico. Na Plaza Mayor assalta-nos a ilusão de ver a sombra de don Miguel, ensimesmado no seu mundo ou discutindo de “esto y aquello” com quem devotamente o seguia. Homem de solilóquio e de diálogo, sempre igual a si mesmo, enraizado mas pronto para “andanzas” *Por tierras de Portugal y de España* e por outras paragens (França, Itália), lugares de exílio ou de afinidade sentimental e cultural.

O trasmontano Torga viajou por outros continentes que não só o europeu – Américas, África, Oriente. Nessas viagens redigiu um como que diário de bordo,

porém mais minucioso, mais subjectivo, mais culturalmente alicerçado. Nos livros autobiográficos – acima de todos o *Diário*, “obra maior de Torga”, como reconhece, e bem, Carlos Carranca –, no itinerário de *Portugal* e nos escritos luso-brasileiros de *Traço de união* encontra-se toda uma radiografia de outras gentes e outras terras, estudadas com uma profundidade que não se satisfaz com um olhar apressado e pretensamente “objectivo”.

Notoriamente introspectivos, Unamuno e Torga gostavam de conversar com os que deles se aproximavam para ouvir o seu magistério socrático. As viagens, mesmo nemesianamente ao pé da porta, eram para eles viagens interiores, pela soma de reflexões e interrogações que suscitavam. Vem a propósito citar aqui Carlos Queiroz e estes seus nítidos versos: “Ver com os olhos/É fácil e vão/ Por dentro das coisas/É que as coisas são.” Grandes poetas, sondam o mistério na tentativa de apreender o que ele esconde.

* * *

Diga-se, a finalizar, que a tese de Carlos Carranca é uma tese atípica, porque não pesada e esdrúxula como um bacamarte, isto é, um alfarrábio a desafiar a paciência do júri. Ensaísta, não afoga o texto em notas de rodapé nem exhibe uma erudição que se excede em bibliografia. Lê e interpreta com as luzes da intuição os textos dos autores que escolheu, numa leitura mais abrangente porque alicerçada no comparatismo.

O que Unamuno designa por “intra-história” – que alguns aproximam do “inconsciente colectivo” de Jung – era a herança consubstanciada nas tradições, nas raízes, na alma do povo, essa herança a encontramos também em Torga. Como no casticismo que privilegia o que é genuíno (avesso portanto ao artificioso) e a partir da pátria pequena ascende aos valores nacionais que uma literatura cosmopolita e mimética desconhece e despreza.

Para concluir, direi que Unamuno e Torga, por íntima rebeldia, não aceitavam dogmas e, como tal, eram religiosamente heterodoxos. Alheios à medíocre satisfação dos instalados, interrogavam e interrogavam-se, sempre e agonicamente perplexos.